

**FORMAÇÃO DO PEDAGOGO EM TEMPOS DE PANDEMIA:
a experiência do uso da sala de aula virtual CLASSDOJO™**

**TEACHER TRAINING IN TIMES OF PANDEMIC:
the experience of using the CLASSDOJO™ virtual classroom**

Bruna D'Carlo Rodrigues de Oliveira Ribeiro¹

Amanda de Freitas Campos Nicolau²

Julie Ane De Souza Mendes Rocha³

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar o relato de experiência do uso da ferramenta virtual CLASSDOJO™ pela turma da disciplina Ensino e Aprendizagem da Matemática de uma Faculdade de Pedagogia, na cidade de Belo Horizonte. Os participantes exploraram a plataforma no período em que a cidade se encontra em isolamento e distanciamento social, em virtude da pandemia COVID-19. Aborda possibilidades e aproximações teóricas possíveis no ensino remoto, compreendendo as novas tessituras pela lente da tecnologia, em um processo produtivo, criativo e de transformação. Percebemos que a ferramenta aproximou os estudantes das tecnologias voltadas à educação, além de promover a tessitura de novas configurações na relação professor-aluno e aluno-conhecimento.

Palavras-chave: CLASSDOJO™; COVID-19. Formação de professores.

Abstract

This article aims to present the experience report on the use of the CLASSDOJO™ virtual tool by the class of the Teaching and Learning Mathematics discipline of a Pedagogy faculty, in the city of Belo Horizonte. Participants explored the platform in the period when the city is in isolation and social distance, due to the pandemic COVID-19. It addresses possibilities and possible theoretical approaches in remote education, understanding the new fabrics through the lens of technology, in a productive, creative and transformational process. We realized that the tool brought students closer to technologies aimed at education, in addition to promoting the fabrication of new configurations in the relationship between teacher, student and student / knowledge.

Keywords: CLASSDOJO™. COVID-19. Teacher training.

¹ Mestre em Educação (PUC-MG), Psicopedagoga (UNI-BH), Pedagoga (PUC Minas), Docente da Faculdade Pitágoras (MG). E-mail: ribeirodcarlo@gmail.com

² Estudante do curso de Pedagogia da Faculdade Pitágoras (MG)

³ Estudante do curso de Pedagogia da Faculdade Pitágoras (MG)

Introdução

Este artigo discorre sobre o uso da ferramenta CLASSDOJO™ e suas possibilidades pedagógicas na situação de pandemia COVID-19, no Brasil, especificamente na cidade de Belo Horizonte, em uma turma do Curso de Pedagogia. Diante da importância da inserção e mediação do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs atreladas à educação, temos, aqui um relato de experiência.

Fomos surpreendidos por um empecilho invisível, que exigiu um movimento docente rápido e sem precedentes. Nossas casas tornaram-se públicas e as interações físicas deram lugar a novas tessituras de relações, mediadas pela tela.

Os futuros pedagogos da disciplina Ensino e Aprendizagem da Matemática migraram para o ensino remoto, de forma que as aulas passaram a acontecer *on-line*, pela plataforma TEAMS⁴, da Microsoft. A turma é composta por quarenta e cinco estudantes, sendo que 30%⁵ não possuíam equipamentos necessários para as aulas remotas, no início da pandemia.

Observando as necessidades da formação docente neste inédito contexto educativo, foram necessárias adaptações metodológicas, que se apoiaram inicialmente nas mídias sociais, especificamente no aplicativo WhatsApp⁶. Por meio de seu uso, uma central “tira-dúvidas” foi criada, para dar apoio pedagógico aos estudantes.

Ao perceber as lacunas no uso das tecnologias, buscamos estratégias de nivelamento nas ações que envolviam tecnologia e, ao apurar que 98% da turma já faziam uso das mídias sociais, iniciamos uma busca de possibilidades virtuais de aprendizagem que se assemelhassem às plataformas com que os alunos já estavam habituados em seu cotidiano. Ao analisar as plataformas de sala de aula virtual disponíveis, chegou-se à opção do aplicativo CLASSDOJO™.

CLASSDOJO™ é um aplicativo para aula *on-line* que pode ser acessado por alunos, professores, pais e gestores escolares. Para acessar o aplicativo, como aluno, é necessário inserir um código disponibilizado previamente pelo professor ou escanear o QR Code da turma. A ferramenta foi criada para complementar aulas escolares presenciais, mas, neste contexto, foi possível assumir uma função não presencial. O aplicativo está disponível para celulares Android e iPhone (iOS), bem como para uso no computador. Trata-se de uma plataforma

⁴ Lançado em novembro de 2016, o *Microsoft Teams* é um espaço de trabalho criado pela Microsoft, baseado em um *chat* que integra todas as pessoas, os conteúdos e as ferramentas para um trabalho em equipe.

⁵ Um questionário foi aplicado à turma para que se pudesse compreender o perfil da turma.

⁶ WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones*.

gratuita, disponível em 30 idiomas e conta com uma diversidade de recursos, desde 2011. A sua interface é limpa e de fácil utilização, com botões grandes, intuitivos e de fácil localização, o que facilita o uso mesmo para os iniciantes na plataforma. Nele é possível construir sua própria sala de aula, cadastrando alunos e professores por meio de acesso autenticado.

Ao conectar-se ao CLASSDOJO™ como professor, é possível criar turmas e adicionar alunos e pais para acompanhamento das atividades e progresso do aluno cadastrado. Pode-se, ainda, direcionar atividades individuais e coletivas, criar avatares de cada participante e encorajá-los por meio de incentivos virtuais que somam pontos. Há uma aba designada para o professor, o aluno e as famílias compartilharem fotos, informações e interações que em muito se assemelham ao formato da rede social Facebook™, devido à sua acessibilidade.

Considerando a facilidade de acesso à plataforma, a ferramenta é ideal para o momento atual, pois permite o compartilhamento e a postagem das atividades, além de estabelecer fácil acompanhamento do desenvolvimento dos estudantes e a comunicação escola/família.

Repensando a formação do pedagogo

No ano 2020, o mundo foi surpreendido por uma pandemia que fez com que fôssemos levados a uma situação de distanciamento social, que nos movimentou a refletir a qualidade da formação e das relações estabelecidas de maneira remota. No campo da educação, fortemente atrelado ao contato e a trocas de experiências, parte do desafio reside em estabelecer conexões e construir conhecimentos significativos para este tempo, que reverbere em práticas pedagógicas coerentes com a realidade na qual fomos lançados.

O cenário atual nos empurra a um deslocamento da relação ensino-aprendizagem, que terá como arcabouço o princípio da valorização dos saberes dos sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem, a investigação, o diálogo e a problematização. Nessa perspectiva, recorreremos a Paulo Freire para compreendermos para além da formação do futuro pedagogo, aproximando-nos da preocupação da formação humana e do entendimento do estudante como sujeito de direitos e especificidades.

Freire, em suas obras, conceitua o humano como um sujeito integrado, historicizado, capaz de exercer sua liberdade, dialogando e agindo. A vocação ontológica do homem é ser um sujeito que age sobre o mundo, podendo transformá-lo. É um ser curioso, inacabado e conectivo. Nesse sentido, é preciso estabelecer processos que corroborem e auxiliem no reconhecimento de propostas que, mesmo em ambiente virtual, se posicionam e formam agentes de resistência diante da realidade.

De modo a promover ruptura de paradigmas, modelos e conhecimentos que visam à perpetuação da ação do opressor sobre o oprimido, recorreremos ao autor para explicitar o movimento de “dar escuta” e respeitar o lugar de fala dos participantes da sala de aula, bem como refletir sobre um posicionamento meramente conteudista, ainda que virtualmente:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdo; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência *intencionada* ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdo, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (FREIRE, 1987, p. 38).

As contribuições desse autor deslocam as discussões aqui apresentadas do campo da reprodução para o campo da ação, na construção de uma educação para a emancipação, necessária neste período de pandemia. A relação do futuro pedagogo com o conhecimento de si e do mundo está entrelaçada e pôde ser vislumbrada nas propostas apresentadas no aplicativo

Nas especificidades da turma da disciplina apresentada neste estudo, a intencionalidade e a diretividade da prática educativa, na plataforma virtual, só foram possíveis após a compreensão de que o conhecimento historicamente construído e científico, sem a problematização, torna-se raso. A partir dos anseios e das expectativas culturais, os tempos e espaços históricos concretos, os participantes puderam problematizar os saberes, como bem coloca Paulo Freire:

O que defendemos é precisamente isto: se o conhecimento científico e a elaboração de um pensamento rigoroso não podem prescindir de sua matriz problematizadora, a apreensão deste conhecimento científico e do rigor deste pensamento filosófico não pode prescindir igualmente da problematização que deve ser feita em torno do próprio saber que o educando deve incorporar (FREIRE, 1992, p. 54).

Ao cognominar o conceito de Educação Bancária, em que o aluno é visto como depositário de conhecimentos abstratos e externos à sua própria experiência e saberes, recorreremos mais uma vez a Freire (1999) para compreender como fazer uso de uma ferramenta virtual para quebrar o ciclo dessa concepção de educação. Ressignificar tempos, espaços e relações é um processo desafiador. Houve momentos de tensão, resistência e até desistências por parte dos discentes ao se depararem com a plataforma. Plasmar a ação dos participantes de forma a acolher as dificuldades enquanto desconstruíam a composição das atividades gerou conhecimento significativo. O erro e a tentativa nos levaram a resgatar conceitos e ações de solidariedade e compartilhamento que, até então, não havíamos experienciado no regime presencial.

O papel do docente, enquanto mediador, ganhou uma conotação reflexiva, repleta de complexidades, problemas e incompletudes. Ver-se nessa condição de incompletude colocou-nos na posição de mobilidade e mudança, como aponta Freire (1996), ao dizer que o formador se faz formando quando forma. Tal atitude deu viabilidade ao grupo de sofrer transformações em sua atitude investigativa, curiosa, questionadora, inquieta e reflexiva.

Imersão, compreensão e senso coletivo: estabelecendo novas relações com a plataforma virtual

Após apresentação da plataforma e vídeo aula do passo a passo para inserção da turma, dos professores e dos estudantes, foi proposto aos discentes uma inversão de papéis: a professora da disciplina tornara-se aluna, enquanto os 45 estudantes matriculados, seus professores. O processo teve a duração de oito semanas, entre a apresentação e o fechamento. Após o encerramento da disciplina, a sala de aula virtual foi mantida, para futuras consultas e inferências dos pedagogos em formação.

Nessa estrutura de inversão de papéis, os participantes poderiam agrupar-se ou desenvolver individualmente propostas de atividades na área do conhecimento da matemática, em alinhamento com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo Referência de Minas Gerais. Preferencialmente, teriam que articular propostas interdisciplinares inéditas ou dar um novo contexto a uma atividade pré-existente. Caberia ao aluno responsável pela atividade diversificar, ainda, as formas de registro do estudante, contemplando o uso de mídias digitais.

Ao articularem os conteúdos apresentados à simulação de uma sala de aula virtual, cada participante, além de acompanhar o andamento da atividade, recebeu um retorno sobre a sua construção, no campo “Histórias da Turma”. Nesse espaço, coube ao docente analisar cada postagem e instigar quem a construiu a refletir, desconstruir moldes enrijecidos de atividades e ressignificar o ensino e aprendizagem da matemática, por mediação da plataforma.

Durante todo o processo, a turma foi provocada a estabelecer conexões que não perpassavam pelo físico, mas que promoveram sensibilização das práticas pedagógicas ao refletir sobre a necessidade da discussão da ampliação e democratização do acesso à internet e de equipamentos eletrônicos, já presentes e anunciados no esquecido Plano Nacional de Educação (PNE), ao determinar diretrizes, metas e estratégias para a política educacional no período de 2014 a 2024. Caso as diretrizes do documento tivessem sido cumpridas, teríamos internet disponível aos estudantes brasileiros desde 2019.

A inversão de papéis permitiu aos estudantes do curso de Pedagogia refletir sobre a importância do planejamento e da articulação entre conhecimento historicamente construído, o cotidiano do estudante e os saberes locais, na esperança de um tecer coletivo de novas aprendizagens significativas, mediadas pelo suporte tecnológico.

A sala de aula virtual e possibilidades de reflexão da relação aprendizagem e tecnologia

Para acessar a plataforma do CLASSDOJO™, é necessário fazer um cadastro. Após fazer esse cadastro, é possível conectar-se de quatro maneiras diferentes, como professor, aluno, pai ou líder escolar. Conectando-se como professor, é possível criar turmas e adicionar os alunos e os pais. Pode acessar as abas: “sala de aula”, “portfólio”, “história da turma”, “mensagens”, “kit ferramentas”, “presença”, entre outros.

Na aba “sala de aula”, é possível que o professor veja os alunos e os grupos, altere seus nomes, caso necessário, adicione um avatar divertido ou até mesmo a própria foto dos alunos, além de poder fazer as avaliações e a distribuição de pontos. Em “portfólio”, é possível que o professor adicione atividades no coletivo ou individual. A aba “história da turma” permite o compartilhamento de conteúdo (fotos, arquivos, vídeos) e informações, como os próximos eventos da turma, além de permitir fazer avaliações da sala de aula com alunos e pais. Já na aba “mensagens”, os professores podem interagir de forma direta com os pais e familiares. Além disso, o professor pode utilizar o recurso “presença” para mudar o *status* do aluno para presente, ausente, atrasado, ou saiu mais cedo.

Esses recursos permitem aos professores manterem-se associados com os alunos e familiares, compartilhando conteúdos e incentivando seus alunos com *feedback* positivos, além de permitir compartilhar com os pais o histórico de acontecimentos, enviar mensagens e criar grupos de alunos para atividades específicas. Assim como utilizar pacotes de decorações para deixar o ambiente virtual mais personalizado e atrativo.

Ao conectar-se como “aluno”, a plataforma permite acessar a página inicial na qual o estudante pode acompanhar os registros das aulas, atividades, conteúdos e informações, além das suas pontuações e avaliações. Os alunos podem também acessar a aba “portfólio” para postar as atividades realizadas, assim como explorar os recursos de envio de fotos, vídeos, textos, desenhos e arquivos.

Ao conectar-se como “pai”, a plataforma permite que os familiares acompanhem o desenvolvimento do aluno, visualizando o relatório criado pelo professor, o qual é definido por período e tem classificações como “positivo”, “neutro” e “precisa ser trabalhado”. No campo

“mensagens”, os familiares podem acessar as mensagens que o professor enviou, respondê-las e anexar arquivos, possibilitando uma interação direta com o professor.

No momento de quarentena, professores e alunos assentados nos moldes tradicionais de ensino presencial se veem em uma situação de necessidade de aprender e de adequar seus métodos. Nesse novo cenário, as discussões acerca do ensino a distância (EaD), TICs, Tecnologias Educacionais (TEs) e ‘Novas’ Tecnologias (NTs) ganham novas configurações. É preciso adentrar e compreender o ciberespaço como território fecundo de significação, no qual os seres humanos e objetos técnicos interagem, potencializando-se, permitindo a construção de conhecimentos (SANTOS, 2002).

Tijiboy (2001), ao discorrer sobre o paradigma da era digital/da Informação, enfatiza que a construção do conhecimento deve ser coletiva entre estudantes e professores, pois os alunos são ativos, construtores, descobridores e transformadores de conhecimento. Então, uma postura que se difere da tradicional faz-se necessária, para que o aluno se torne autônomo e consiga solucionar imprevistos e estabelecer uma opinião embasada.

No contexto da formação dos novos pedagogos, no recorte proposto neste artigo, observamos dificuldades para o manuseio das ferramentas disponíveis por parte dos estudantes, explicitando a necessidade de discussões e práticas que busquem uma educação tecnológica nas formações de professores, visto que o cenário da pandemia, enquanto isolamento e distanciamento social, pode ser alargado por período indeterminado.

Transpusemos a leitura de Jonassen (1996), ao discorrer sobre a aprendizagem significativa. Para a autora, é preciso compreender os ambientes virtuais de aprendizagem como espaços instigantes e constituídos a partir de problemas relevantes, sobre os quais os alunos devem ser levados a refletir e buscar soluções. As tarefas devem ser substanciadas com situações reais, a fim de que a aprendizagem seja, de fato, significativa. Dessa forma, recuperando o ideário pedagógico cooperativo, devem ser apoiadas pela colaboração entre os participantes e constituídas pelo diálogo pedagógico.

Durante as oito semanas de uso ativo da plataforma, ficaram explicitadas a necessidade de interação e as percepções de interatividade de cada participante. A cada postagem, prontamente um colega interagiu, apresentava um retorno e circulavam pela plataforma para observar as demais postagens, tecendo conexões e ponderações.

Valente (1999), ao apresentar possibilidades de uso das tecnologias enquanto ferramenta educacional, convida-nos a refletir e agir para desenvolvimento da autoria e autonomia, resolução de problemas por meio de desafios, transmissão de informação, comunicação,

enriquecimento da aprendizagem com o redimensionamento dos conceitos já conhecidos e das possibilidades de compreensão através do processo de descrever, refletir e depurar. Ao refletir sobre tais questões, percebe-se que as atividades criadas na plataforma exigiram esse conjunto de movimentos por parte dos pedagogos em formação e, ainda, que as aprendizagens construídas nesse processo, possivelmente, não teriam a mesma configuração no regime presencial.

Considerações finais

Ao utilizar um recurso gratuito, de fácil manuseio, dinâmico e permeado de sociabilidades e trocas, os participantes puderam vislumbrar possibilidades de ensino remoto em sua ação enquanto pedagogos, uma vez que a situação de isolamento social revelou possibilidades do ensino híbrido, num contexto de retorno gradual das atividades escolares.

Pode-se, ainda, salientar a agilidade, a simultaneidade e a participação como elementos positivos no uso da ferramenta, algo que instigou os participantes. Em contraponto, as respostas na sala virtual são imediatas e passíveis de ruídos, inconsistências e erros conceituais e gramaticais. Ainda assim vemos esse conjunto de questões como problematizadoras das construções ali presentes. Sua utilidade para o desenvolvimento de trabalhos colaborativos e discussões direcionadas, juntamente com as mídias assíncronas (como o WhatsApp) e futuras discussões presenciais permitem uma comunicação imediata e desterritorializada.

A mediação pedagógica na utilização do aplicativo permitiu à docente deslocar-se para o papel e as atribuições dos discentes, enquanto os discentes puderam perceber a responsabilidade intrínseca ao ato de ensinar, ao proporem atividades que despertassem no aluno a vontade de investigar, experimentar e agir. Além disso, o processo de oferecer apoio para os estudantes reconstruírem e ressignificarem seus conhecimentos, intervirem nas propostas de atividade e convidarem o grupo a inferir junto levou o conjunto de participantes a estabelecer seu próprio desafio, trazer novas percepções e colaborar coletivamente para o sucesso da ação.

Referências

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo (SP): Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JONASSEN, David. O uso das novas tecnologias na educação a distância e a aprendizagem construtivista. **Revista em Aberto sobre Educação a Distância**. INEP/MEC, Brasília, DF, v. 16, n. 70, abr./jun., 1996. Disponível em: http://www.inep.gov.br/cibec/word_docs/em_aberto_70.doc.p.1-20. Acesso em: 20 jun. 2020.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. Ambientes virtuais de aprendizagem: por autorias livres, plurais e gratuitas. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 11, n. 18, p. 425-435, jul./dez. 2002.

TIJIBOY, Ana Vilma. Novas tecnologias: educação e sociedade na era da informação. *In*: SILVA, Mozart Linhares da (org.). **Novas tecnologias**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VALENTE, J. A. **Diferentes usos do computador na educação**. Disponível em: http://www.pucrs.br/ciencias/viali/doutorado/ptic/aulas/aula_3/Valente_Jose_2.pdf . Unicamp, 1999. Acesso em: 20 jun. 2020.